

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Trajetórias escolares, aspirações e expectativas de alunos do ensino profissional

Filipa Pereira Farinha

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Teresa Seabra de Almeida, Professora Associada, Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Novembro de 2020



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Trajelórias escolares, aspirações e expectativas de alunos do ensino profissional

Filipa Pereira Farinha

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Teresa Seabra de Almeida, Professora Associada, Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Novembro de 2020

Agradecimentos

Ao longo deste trabalho contei com a colaboração de pessoas que foram essenciais no meu percurso académico e a todas elas agradeço profundamente por todo o apoio e ajuda na sua realização.

Começo inicialmente por agradecer à minha orientadora e coordenadora do Mestrado em Educação e Sociedade, Doutora Teresa Seabra, obrigada por toda a compreensão, pela paciência, pela disponibilidade, por toda a partilha de informação e conhecimento e também todo o processo de aprendizagem que me proporcionou, pois foi sem dúvida imprescindível na realização deste trabalho.

Aos meus pais, Alexandra e Hélder Farinha, um enorme agradecimento, por terem lutado por mim e terem feito um enorme esforço para que eu pudesse chegar onde cheguei, por quererem e me darem ferramentas para que mais tarde possa ter uma vida melhor, por nunca me terem deixado desistir e por acreditarem nas minhas capacidades. Por todo o amor e carinho só vos tenho a agradecer por ser quem sou hoje. Obrigada Pais!

À minha irmã, Patrícia Farinha, que é fundamental em qualquer percurso, obrigada por todo o apoio que me dás e pelo carinho que demonstras por mim, por toda a paciência que tens, por acreditares que sou capaz de fazer qualquer coisa e por estares sempre ao meu lado quando mais preciso, Obrigada Mana!

Ao meu namorado, Daniel Teixeira, que apesar de todas as minhas inseguranças e com alguma vontade em desistir sempre me apoiou. Obrigada amor por estares ao meu lado neste percurso que para mim nem sempre foi fácil, por acreditares em mim, por todas as palavras de conforto e de força, por toda a paciência e compreensão, pelo teu interesse e preocupação e principalmente, por todo o amor e carinho. Obrigada Amor!

A toda a restante família que me acompanhou ao longo deste processo, um enorme obrigada por estarem do meu lado a acompanhar todos os meus desafios, por me darem apoio para continuar a lutar pelos meus objetivos.

Aos meus amigos mais próximos, pois foi ótimo partilhar esta experiência com vocês, por ouvirem os meus desabafos e por tentarem ajudar sempre que fosse possível e principalmente por acreditarem que eu era capaz de conseguir alcançar mais este objetivo.

A todos eu agradeço do fundo do coração e é com um enorme orgulho e carinho que vos dedico este trabalho.

Resumo

Nesta investigação, realizada numa escola profissional com dois polos distintos, pretendeu-se conhecer o percurso escolar dos alunos, assim como as aspirações e expectativas que estes têm em relação ao futuro escolar e profissional. De acordo com a análise da informação recolhida, através de questionários aos alunos, foi possível sabermos que (i) o percurso escolar deste grupo é marcado por diversas retenções e o maior ou menor apoio da família aparece como muito relevante nestes percursos escolares, (ii) que os rapazes continuam a escolher as áreas mais técnicas enquanto que as raparigas escolhem as áreas mais direcionadas para as temáticas sociais. Em relação às expectativas quanto ao futuro, grande parte dos jovens pretende, após o curso, ingressar no mercado de trabalho, planeando, no entanto, prosseguir os estudos.

Palavras-chave: Ensino Profissional, desempenho escolar, escolhas e expectativas.

Abstract

In this investigation, carried out in a professional school with two distinct poles, we intend to get to know a little more about students school path's, as well as the aspirations and expectations of the future of this group, that is, to understand who are currently the students who attend this school's teaching model and what they hope to do after finishing the course. After the analysis of the collected information from questionnaires it's possible to verify that family's support is fundamental in the students school path, this group is marked by several retentions and we can observe that boys continue to choose the most technical areas while girls choose the most socially oriented areas. Taking into account future expectations, there's a large part that intends to enter the job market, however, the majority of these students intend to continue their studies.

Keywords: Vocational education, school performance, choices and expectations.

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract	v
Índice.....	vii
Índice de Ilustrações.....	ix
Introdução.....	1
1. Os jovens no processo de transição.....	3
1.1 As fases de transição para a vida adulta	3
1.2 A formação dos jovens	4
1.3 A influência dos pais no processo de formação.....	6
1.4 As desigualdades de género no âmbito escolar e profissional.....	7
2. O ensino profissional em Portugal	9
2.1 Surgimento do ensino profissional em Portugal	9
2.2 Os objetivos do Ensino Profissional	10
2.3 A escolha do Ensino Profissional	12
3. Metodologia	13
4. O ensino profissional na Escola Ribeirinha	17
4.1 Apresentação da escola.....	17
4.2 Os dados do questionário.....	19
4.2.1 Perfil dos alunos repetentes	19
4.2.2 O trajeto escolar anterior à experiência do curso.....	20
4.3 A escolha do Ensino Profissional	21
4.5 Os cursos que frequentam: resultados obtidos e apreciação do curso	24
4.6 As expectativas quanto ao futuro próximo	27
Conclusão	29
Bibliografia.....	31
Anexo A – Inquérito por questionário.....	33

Índice de Ilustrações

Figura 1- Número de retenções por ano de escolaridade	21
Figura 2- Motivo da escolha do ensino profissional	22
Figura 3-Componente do curso que os alunos demonstram ter mais interesse.....	25
Figura 4- Expetativas dos alunos após terminarem o ensino profissional	28
Tabela 1- Dimensionamento das categorias de análise.....	14
Tabela 2 - Género e idade dos participantes.....	16
Tabela 3- Monopólio de cursos que compõem a escola.....	18
Tabela 4 - Perfil dos alunos repetentes.....	20
Tabela 5- Número de reprovações ao longo do trajeto escolar (anterior à entrada do curso)..	20
Tabela 6- Apoio da mãe na entrada no ensino profissional	22
Tabela 7 - Apoio do pai na entrada no ensino profissional	23
Tabela 8- Proporção de pais que apoiaram a vinda para o curso profissional segundo a escolaridade dos mesmos	24
Tabela 9- Cursos profissionais como mais valia.....	26
Tabela 10- Grau de satisfação à cerca do curso (% em linha)	26

Introdução

Ao longo desta pesquisa o que se pretende ficar a conhecer é: quais as trajetórias escolares, aspirações e expectativas futuras dos alunos no ensino profissional. A curiosidade deste tema sempre foi uma constante, pois é interessante perceber o porquê dos alunos escolherem o ensino profissional ao invés de seguirem o ensino dito como “regular”, perceber quem são estes alunos e em que tipo de classe social estão inseridos, se existem mais rapazes ou mais raparigas a ingressar neste modelo de ensino, se têm o apoio dos seus pares nesta tomada de decisão e ainda ficar a conhecer um pouco as expectativas futuras destes alunos após terminarem o seu curso.

A curiosidade acerca deste tema talvez se prenda ao facto de eu própria ter escolhido o ensino profissional como opção no final do ensino básico, pois na altura pareceu-me que iria conseguir obter melhores resultados (não gostava de nenhuma das opções que o ensino regular me oferecia) e que seria mais fácil ingressar no mercado de trabalho. No entanto, após terminar esse curso achei que seria interessante seguir o ensino superior e ingressei na Licenciatura em Educação e Formação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, onde trabalhei um pouco este tema. Quando tomei a decisão de entrar no mestrado em Educação e Sociedade tive a oportunidade de estudar um pouco mais sobre o tema e aprofundar algumas questões.

A dissertação encontra-se organizada em quatro pontos: o primeiro “Os jovens no processo de transição” consiste na explicação do processo de transição dos jovens para a vida adulta; O segundo, consiste numa breve explicação de como surgiu o ensino profissional em Portugal, quais os seus objetivos e o porquê de os jovens atualmente ingressarem neste modelo de ensino; O terceiro assenta na forma como a pesquisa foi feita, ou seja, na “Metodologia” e o último ponto apresenta os “Resultados da pesquisa”, onde se encontram as principais conclusões dos questionários realizados e das conversas informais.

1. Os jovens no processo de transição

1.1 As fases de transição para a vida adulta

É cada vez mais frequente ouvirmos dizer que a escolaridade e a formação são essenciais para os jovens conseguirem obter melhores condições no mercado de trabalho e por consequência um nível de vida mais estável. Os pais são as pessoas que têm mais influência ao longo deste período de aprendizagem, pois estes também têm aspirações para os seus filhos e pretendem que estes sejam bem-sucedidos nos cargos que irão ocupar (Sandra Mateus, 2013).

Segundo os autores Pedro Abrantes e Maria das Dores Guerreiro (2004), os jovens necessitam de passar por três etapas para transitarem para a vida adulta, sendo estas: o trajeto escolar, a entrada no mercado de trabalho e por último a saída de casa dos pais, embora seja possível verificar que estes processos são cada vez mais adiados pelos jovens, sendo a estabilidade no mercado de trabalho um dos grandes fatores que contribuem para o adiamento deste processo de crescimento, atualmente os jovens encontram diversos empregos precários e provisórios, o que não lhes fornece estabilidade para a angariação de responsabilidades e encargos que a vida adulta e independente requer.

As desigualdades de géneros nas fases de transição também são evidentes, pois as prioridades variam, enquanto que os rapazes estipulam o emprego como prioridade as raparigas procuram estabelecer uma ligação entre a sua vida profissional, a constituição e manutenção da família. Para os rapazes a vida profissional e a vida familiar vêm em continuidade, sendo que as suas principais responsabilidades se prendem com a segurança económica da família, por outro lado, as raparigas, têm mais dificuldade em conciliar ambas as vertentes, por isso são forçadas a escolher a qual delas dão mais prioridade.

A liberdade e autonomia que os jovens têm em casa dos pais, também é um dos fatores que contribuem para a transição, normalmente por este motivo são as raparigas que saem mais cedo, pois muitas vezes são mais controladas pelos pais e têm menos liberdade acabando por querer ter a sua independência, entrar no mercado de trabalho mais cedo e por sua vez constituir família, enquanto que os rapazes permanecem em casa dos pais por mais tempo.

1.2 A formação dos jovens

A aprendizagem dos alunos é fundamental para o progresso das sociedades onde estes estão inseridos, pois o capital educativo contribui para mudanças bastante significativas, tendo em conta que é através do conhecimento, das capacidades, das competências e das aprendizagens que a sociedade evolui, essencialmente ao nível económico, uma vez que quando é necessário intervenções e participações sociais estas assentam na utilização das competências e conhecimentos que foram adquiridos ao longo do processo de escolarização e qualificação (Sandra Mateus, 2013).

Ao nível do processo de escolarização, a uma determinada altura, os alunos são direcionados para uma escolha efetuada no período de transição entre o terceiro ciclo e o secundário, sendo que essa escolha deve ser pensada consoante as aspirações e as áreas de maior interesse dos alunos. A escolha entre as diferentes áreas é recente e muitas vezes torna-se um processo de incertezas uma vez que atualmente nada é dado como certo. Esta escolha parte essencialmente dos valores escolares de cada indivíduo que varia consoante o seu posicionamento social, socialização familiar, as aspirações e o sucesso escolar. Acontece tendencialmente pelos alunos escolherem as áreas em que são mais bem-sucedidos para ser mais fácil conseguirem obter melhores resultados, por estes motivos os jovens, muitas vezes, ficam indecisos entre aquilo que realmente gostam de fazer e o que irá ter futuro no mercado de trabalho. Os jovens neste período têm a possibilidade de escolher entre as diferentes áreas de natureza académica, sendo estas: Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e ainda Artes Visuais, tendo esta opção o objetivo de preparar os alunos para a entrada no ensino superior, por outro lado, podem seguir o ensino profissional que tem como objetivo principal preparar os alunos para o mercado de trabalho, sendo mais fácil para os jovens que escolhem esta opção obter um emprego mais cedo devido à qualificação específica que adquirem ao longo do curso (Sandra Mateus, 2013).

O ensino secundário ao longo do tempo tem sofrido algumas alterações e tem tido cada vez maior a procura por parte dos jovens, este nível de ensino pretende dar resposta às necessidades, às aspirações e aos interesses das famílias e dos alunos com um determinado nível de preparação, de modo a responder às necessidades do mercado de trabalho (Sandra Mateus, 2013).

No entanto podemos verificar que alguns alunos abandonam os estudos por diversos motivos: porque acumulam muitos insucessos e reprovações, não têm interesse nas matérias lecionadas, quererem a sua autonomia e por isso irem trabalhar e em casos extremos abandonam a escola de imediato quando necessitam de dinheiro com urgência, por terem alguma doença prolongada ou em caso de gravidez.

O abandono escolar precoce decorre essencialmente nos casos em que alunos pertencem a classes sociais mais desfavorecidas ou em casos em que os pais não possuem graus de habilitação muito elevados. É frequente as raparigas apresentarem melhores qualificações pois sentem-se mais familiarizadas e integradas no espaço escolar, muitas vezes prolongando mais os seus estudos. No caso dos rapazes, principalmente os que vêm de classes sociais mais desfavorecidas, revelam um distanciamento da escola muitas vezes obtendo resultados negativos que por sua vez leva ao abandono escolar (Pedro Abrantes e Maria Guerreiro, 2004).

Ao nível das aspirações dos alunos, estas são mais elevadas nos jovens que: têm origem imigrante, os pais detêm melhores habilitações literárias, pertencem a classes sociais médias/altas, pertencem ao sexo feminino e aos que nunca reprovaram ao longo do seu trajeto escolar. Um dos principais objetivos destes indivíduos é o desempenho de profissões ao nível de quadros superiores e profissões mais intelectuais, com exceção das raparigas, pois estas tendem a escolher profissões de carácter social que normalmente são menos remuneradas (Teresa Seabra, Sandra Mateus, Elisabete Rodrigues e Magda Nico, 2011). No caso dos jovens que pertencem a classes sociais mais baixas é mais frequente ouvirmos dizer que optam pelas vertentes do ensino profissional, sendo desta forma mais difícil o processo de mobilidade social ascendente (Sandra Mateus, 2013).

Hoje em dia podemos verificar que existe uma grande pressão da sociedade para que os jovens ingressem no ensino superior, em Portugal aumentou para o dobro o número de diplomados entre os anos de 1996 e 2008, o principal problema deste acontecimento é que a economia do país estagnou e não houve motivação para que as entidades empregadoras criassem mais postos de trabalho qualificados e bem remunerados suficientes para enquadrar todos os indivíduos instruídos. No entanto é cada vez mais complicado encontrar pessoal que desempenhe as profissões que não necessitam de grandes qualificações, sendo nestes casos os cursos profissionais uma solução para este dilema (Nuno Alves, Frederico Cantante, Inês Baptista e Renato do Carmo, 2011).

1.3 A influência dos pais no processo de formação

Todos nós gostamos de ter como referência aqueles que nos são mais queridos, no caso dos jovens que têm uma ligação próxima com os seus familiares, estes são essenciais no seu processo de formação. Nas sociedades contemporâneas a relação entre a escola e família é considerada fundamental para que exista sucesso no aproveitamento dos alunos, no entanto esta relação varia consoante o estatuto social, o grau de instrução, a categoria socioprofissional, o nível económico e a idade das famílias dos jovens (Ana Paula Costa, 2013).

Tendo em conta o estudo de Ana Paula Costa (2013), esta explica que existem dois grupos de famílias distintas que desempenham diferentes papéis no que diz respeito à vida escolar dos seus educandos. O primeiro grupo corresponde às famílias que apresentam um papel bastante envolvido na escolaridade dos seus educandos, a autora caracteriza-as como sendo as famílias com melhores condições sociais, que entendem que o papel da família é fundamental para um processo educativo de sucesso e percebem que a relação escola-família contribui bastante para a realização pessoal dos jovens. O segundo grupo diz respeito às famílias pouco envolvidas na vida escolar dos seus educandos, são famílias com condições de vida mais desfavorecidas e com um percurso escolar mais negativo, é neste grupo de famílias onde se encontram os jovens que apresentam mais problemas de comportamento, no entanto consideram fundamental o papel da escola para a possibilidade de os seus filhos ascenderem socialmente.

Segundo Sandra Mateus (2013) o percurso escolar do seu núcleo familiar e as suas classificações, muitas vezes têm maior influência do que a classe social, pois as aspirações da família, a maneira como estas são transmitidas, o apoio que dão aos seus educandos e o seu envolvimento nas atividades escolares, reforçam o desempenho escolar e as aspirações dos jovens. Por outro lado, se não existir uma boa interação entre pais e filhos muitas vezes existe uma influência negativa nas trajetórias e ambições dos alunos.

No caso dos alunos descendentes de imigrantes, também existe um grande impacto na influência do percurso da família neles, principalmente o percurso académico pré-migratório. No entanto há influência de outras pessoas significativas (outros familiares, professores, amigos) nas aspirações destes jovens, mas de forma moderada, ou seja, a influência que mais prevalece é a dos encarregados de educação sendo que esta varia de acordo com a origem étnica, concluindo a autora que são de origem imigrante os que apresentam maiores aspirações para os seus filhos comparativamente com os pais não imigrantes da mesma classe social. Mas não é

apenas através do seu percurso académico que a família tem influência nesta etapa de vida dos jovens descendentes de emigrantes. A família é considerada uma referência social determinante, é fundamental que esta esteja apta para orientar os seus educandos através dos recursos que têm, embora esta orientação esteja assente na origem social, na forma de controlo, nas motivações e nos níveis de autonomia, é importante que exista um acompanhamento regular e um diálogo para que ambas as partes se compreendam (Sandra Mateus, 2013).

1.4 As desigualdades de género no âmbito escolar e profissional

Ao longo dos anos, com a democratização do acesso ao ensino tem sido possível verificar uma evolução, no entanto ainda existem algumas desigualdades, essencialmente na qualidade dos percursos oferecidos, nos recursos materiais e organizacionais, pois continuam marcados por princípios de diferenciação ao nível social e cultural como a classe social, a etnicidade e o género.

Desde muito cedo deparamo-nos com a desigualdade de géneros, pois sempre ouvimos dizer que: “aquele brinquedo é para as meninas e que aquele é para os meninos, ou o cor-de-rosa é para as meninas e o azul é para os meninos”. Pois é já todos numa situação ou noutra se confrontou com esta desigualdade de géneros em determinada situação e no contexto escolar e profissional esta desigualdade também está bastante presente.

Diversos autores explicam através de estudos que são as rapigas que obtêm melhores resultados escolares e segundo a autora Sandra Mateus (2013) mesmo no caso de imigrantes, continuam a ser as raparigas que obtêm melhores resultados escolares, pois estas apresentam maiores responsabilidades familiares, assumem com mais regularidade um papel mediador e sofrem mais pressões, por este motivo valorizam mais a escolaridade, apresentam uma atitude mais positiva e ainda obtêm maiores expectativas por parte dos professores comparativamente com os rapazes.

No que diz respeito ao percurso académico, à área profissional e às aspirações dos alunos também existe uma distinção bastante acentuada dos géneros, pois existem dois tipos de profissões, as profissões desejadas, que dizem respeito essencialmente às profissões técnicas (saúde, artísticas e científicas) e as profissões plausíveis, sendo estas as que estão ligadas à docência e a profissões administrativas, sendo que a escolha dos alunos também é bastante acentuada pelo género. Sandra Mateus (2012) explica-nos também que existem dois fatores que

influenciam estas escolhas, sendo estes os recursos familiares e a origem social, que são influentes devido ao facto dos rapazes escolherem de forma estratégica as áreas que querem desempenhar funções e de serem mais independentes socialmente, enquanto que as raparigas têm uma maior preocupação em obter melhores resultados escolares e com o espaço onde estão inseridas (Sandra Mateus, 2012).

António Firmino (2012:84) afirma que “um dos fatores mais importantes na evolução das desigualdades é a mudança de comportamento das mulheres, nos domínios da escolaridade (crescente e mais bem-sucedida do que a dos homens), da conjugalidade (atualmente menos estável e com formas mais diversificadas), da fecundidade (menos filhos e mais tardios) e da profissionalização (cada vez mais abrangente e com qualificações crescentes)”. Durante muito tempo a sociedade estava habituada a que os papéis dos homens e das mulheres fossem bastante distintos, associando sempre as mulheres às tarefas domésticas e à maternidade a tempo inteiro e os homens ao trabalho fora de casa para sustentar a família. No entanto a necessidade que a mulher sentiu em tornar-se mais independente, fez com que estas se inserissem no mercado de trabalho, com que aumentassem o seu nível de escolaridade e com que a maternidade não fosse a sua única prioridade, sendo possível observar, atualmente, que em muitos casos a ideia de ser mãe vem depois da construção de uma carreira estável.

2. O ensino profissional em Portugal

2.1 Surgimento do ensino profissional em Portugal

“Historicamente este tipo de ensino inicia-se, em Portugal, na segunda metade do século XVIII com Marquês de Pombal, incrementando-se na segunda metade do século XIX com Fontes Pereira de Melo, mas o seu desenvolvimento, na prática, ocorre, de forma significativa, a partir dos anos 50 do século XX.” (Paula Mendes, 2009: 10)

O ensino técnico-profissional surgiu no ano de 1948 em Portugal, embora tenha sido interrompido após o 25 de Abril de 1974 e retomado a 1980, com o intuito de contribuir para a realização dos jovens, para que existissem alternativas ao ensino regular e ainda permitir que os alunos tivessem contacto com o mercado de trabalho (Fernando Augusto, 2012).

Ao longo do período do Estado Novo, o ensino técnico-profissional passou a fazer parte da escolha dos jovens. No entanto quem tinha este tipo de ensino como opção eram os alunos que pertenciam a classes sociais mais baixas, sendo que estes alunos tinham acesso aos Institutos Comerciais e Industriais com cursos médios e profissionais, enquanto o ensino liceal era frequentado maioritariamente por alunos de estatutos sociais mais elevados, que lhe permitia o acesso direto ao ensino superior. Nesta altura apesar de o ensino técnico-profissional ser apenas frequentado por pessoas provenientes de classes mais baixas este já era considerado importante para a mobilidade social, uma vez que muitas pessoas não tinham acesso a mais nenhum tipo de ensino após a sua frequência no primeiro ciclo (Paula Mendes, 2009).

Este modo de ensino foi criado com o intuito do sistema económico poder oferecer ao mercado de trabalho mão-de-obra qualificada. Foi considerado uma mais valia para o sistema de ensino, sendo que permitiu diversificar a oferta e contribuir para a diminuição do insucesso e do abandono escolar; para os indivíduos, dado que as entidades empregadoras são cada vez é mais exigentes no que diz respeito às qualificações dos empregados; e para o mercado de trabalho, visto que os empregadores necessitavam de técnicos com uma formação ao nível prático e para o sistema de ensino, sendo que permitiu diversificar a oferta e contribuir para a diminuição do insucesso e do abandono escolar (Fernando Augusto, 2012).

As escolas profissionais apareceram em Portugal no ano de 1989, por iniciativa dos Ministérios da Educação e do Trabalho, “segundo o Decreto-Lei nº26/89, de 21 de janeiro, como alternativa ao sistema regular. Este tipo de oferta foi concebido como resultado de um contrato-programa entre o Estado e um conjunto de parceiros locais, cujo organismo era o

Gabinete de Educação Tecnológica Artística e Profissional – um novo serviço central do Ministério da Educação (GETAP)” (Marta Marques, 2017: 5).

Nos anos 90 o ensino técnico-profissional ganhou mais ênfase perante o governo e houve uma aposta neste método de ensino, uma vez que foi a partir daí que passou a existir mais instituições e mais ofertas de formação, sendo em grande parte financiados pela União Europeia, foi também necessário criar instituições responsáveis como o IEFP que planeiam, regulam, articulam e certificam estes meios de formação (Fernando Augusto, 2012).

2.2 Os objetivos do Ensino Profissional

A expansão do ensino técnico-profissional vai ao encontro de duas situações diferentes, a primeira corresponde às novas exigências da economia do país, sendo que se tornou mais competitiva e inovadora e por isso necessita de uma mão-de-obra mais competente e com conhecimentos mais específicos, a segunda pretende ir ao encontro dos jovens que estão desadaptados do ensino regular ou em situações de desemprego (Paula Mendes, 2009).

Outrora os alunos que frequentavam os cursos profissionais eram provenientes de famílias que pertenciam às classes sociais mais baixas, no entanto com o passar do tempo os cursos profissionais ganharam outro estatuto, passando a ser vistos como um modo de ascensão social, uma vez que os jovens têm a oportunidade de se qualificar e prolongar os seus estudos. As escolas profissionais são o resultado de iniciativas de instituições civis, instituições que pretendem proporcionar aos jovens uma formação alternativa, que os permite alcançar uma realização não apenas profissional, mas também pessoal. Este modelo de ensino dá equivalência ao nível III (desenvolvimento de competências pessoais e profissionais para o exercício de uma profissão) e permite que os alunos obtenham um diploma certificado que lhes dá uma equivalência ao décimo segundo ano e posteriormente, se assim o pretenderem, ingressar no ensino superior (Paula Mendes, 2009).

Os cursos profissionais têm uma estrutura curricular bastante diferente do ensino regular, tendo em conta que estes cursos estão organizados por módulos em vez de estarem estruturados para serem lecionados em três períodos, este tipo de estrutura permite uma aprendizagem mais personalizada e flexível. Existem três componentes de formação que compõem o plano de estudo destes cursos, sendo que estas são: a componente sociocultural, a componente científica

e a componente técnica sendo que estas incluem a formação em contexto de trabalho (estágio curricular) (Marta Marques, 2017).

Segundo Marta Marques (2017), as estruturas curriculares das escolas profissionais envolvem três níveis, sendo estes: o nível da conceção (que diz respeito aos princípios estruturantes), às finalidades, aos critérios para a organização e articulação das componentes do currículo e perspectivas de desenvolvimento curricular) o nível da realização (inclui a planificação das atividades e o desenvolvimento da experiência de ensino) e por último o nível do contexto que se prende com a forma de pensar e organizar a escola que integra o novo papel dos professores, dos pais, dos alunos e da comunidade científica e pedagógica.

Para obter o certificado de formação dos cursos profissionais é necessário elaborar um trabalho final, sendo este em formato de: Projeto Tecnológico (PT), composto por um trabalho escrito, por um trabalho prático e por uma apresentação oral, sendo este apresentado no 2º ano do curso a um conjunto de pelo menos três júris, composto por três professores tendo um deles de ser o coordenador do respetivo curso. A Prova de Aptidão Profissional (PAP), é individual ocorre no 3º ano do curso, constituído também por um trabalho escrito, um trabalho prático e uma apresentação oral apresentada a uma mesa de jurados composta por professores da escola, pelo coordenador do curso e ainda por representantes de empresas do sector a que pertence o curso; por último a Formação em Contexto de Trabalho (FCT), ou seja, estágio curricular com a durabilidade de três meses, ocorrendo no ultimo ano do curso, tendo a sua avaliação duas componentes: a do representante da instituição que acompanha o aluno ao longo do seu estágio, ou seja, decide 75% da nota do aluno e a avaliação do professor orientador que determina o resto da percentagem da nota (Fernando Augusto, 2012).

Na perspetiva dos autores Maria Vieira e Joaquim Azevedo (2008), existem quatro fatores que contribuem para o sucesso educativo das escolas de ensino profissional, sendo esses fatores: a visão construtivista da aprendizagem (sendo o construtivismo um dos princípios psicopedagógicos que esta implícito no tipo de formação que as escolas profissionais oferecem), a pedagogia diferenciada e individualização dos percursos de formação (uma vez que este fator é um dos pilares de ensino administrado nas escolas profissionais e que só é possível devido à organização modular dos conteúdos programáticos), os ciclos de aprendizagem e organização modular do currículo (ao longo de um ciclo de aprendizagem todos os alunos terão o mesmo números de anos para conseguir alcançar os objetivos de final de ciclo, o que presume uma diferenciação que em vez de incidir no tempo de formação, incide sobre o

modo de intensidade do acompanhamento pedagógico diversificando os percursos de formação) e por último, o professor como facilitador da aprendizagem (um vez que as políticas do ensino profissional influenciam modelos teóricos que se destinam a aprendizagem de adultos, assentes em princípios de andragógicos).

2.3 A escolha do Ensino Profissional

Existem essencialmente duas situações que levam os alunos a escolher o ensino profissional, a primeira situação corresponde aos jovens que abandonam a escola precocemente e não se adaptam ao sistema de ensino regular, mas que querem e precisam de formação para ingressar no mercado de trabalho e a segunda situação reflete os jovens desempregados que são encaminhados pelo centro de emprego a frequentar as ofertas que têm de formação (Pedro Abrantes e Maria Guerreiro, 2004).

Na perspectiva de alguns jovens os cursos profissionais são uma mais valia, pois permite que se integrem no mercado de trabalho mais facilmente, que construam carreiras bem-sucedidas e ainda possibilitam, para alguns, a entrada no ensino superior. No entanto para outros alunos o final do curso significa o regresso ao mercado de trabalho instável, precário ou com períodos de desemprego (Pedro Abrantes e Maria Guerreiro, 2004).

Segundo a autora Maria Helena Madeira (2006), existem diversos motivos para o ingresso dos jovens no ensino profissional, sendo que os mais evocados: jovens mais indicam são: o facto de gostarem da profissão e por isso escolherem a área de interesse e o de conseguirem um emprego mais facilmente. No entanto apesar destes motivos serem as mais apontados pelos alunos, existem outros que levam os jovens a escolherem esta opção de ensino, sendo por exemplo a insatisfação dos alunos pelo ensino que frequentam e, devido a este dilema, por não obterem bons resultados decidem ingressar noutra tipo de ensino, o ensino profissional.

O ensino profissional conseguiu que muitos jovens permanecem no sistema de ensino, aqueles que querem ingressar no ensino superior, permitiu que criassem expectativas, novos projetos e que descobrissem novas vocações, obrigando a repensar a discrepância que existe entre a via profissional e a via regular (Pedro Abrantes e Maria Guerreiro, 2004).

3. Metodologia

Esta pesquisa tem como objetivo perceber, numa primeira fase, quais são as razões que levam os alunos a ingressar no ensino profissional e quais as suas trajetórias escolares, ou seja, perceber se continuam a ser os alunos como mais retenções e cujo os pais têm um nível de escolaridade inferior que frequentam este tipo de cursos e numa segunda fase conhecer as aspirações e as expectativas desses alunos, isto é, o que pretendem fazer após terminarem o curso, se têm como objetivo ingressar no mercado de trabalho ou prosseguir com os seus estudos (ingressar no ensino superior ou tirar outro curso de carácter profissional quer seja na mesma área ou noutra).

Segundo os autores Manuel Meirinhos e António Osório (2010) existem três importantes diferenças que distinguem a metodologia qualitativa da metodologia quantitativa, sendo estas: a distinção entre a explicação e a compreensão, sendo que a metodologia quantitativa se destaca pela explicação e pelo controlo e em contrapartida a metodologia qualitativa procura compreender as inter-relações que acontecem na realidade; a distinção entre a função pessoal e impessoal do investigador, uma vez que no modelo quantitativo o investigador tem de fazer um esforço para limitar a sua interpretação pessoal desde que inicia a investigação até a análise dos dados, enquanto que no modelo qualitativo é fundamental que a interpretação do investigador nunca perca o contacto com o desenvolvimento dos acontecimentos, por este motivo é importante que este esteja no trabalho de campo, que faça observação, que emita juízos de valor e que analise; por último a distinção entre o conhecimento descoberto e construído, que se prende com o facto de não existir descoberta de conhecimento em qualquer investigação, ou seja, a investigação quantitativa procura a lógica da descoberta e, pelo contrario, a investigação qualitativa procura a lógica da construção do conhecimento.

Para responder à questão de partida (quais as trajetórias escolares, as aspirações e as expectativas dos alunos do ensino profissional?) foi utilizada uma metodologia de investigação científica de natureza quantitativa uma vez que foram aplicados questionários aos alunos e existiram conversas informais com uma das coordenadoras pedagógicas e com professores.

O inquérito por questionário consiste em colocar a um conjunto de indivíduos, que geralmente representam uma população, diversas questões concretas sobre uma determinada realidade, estas podem envolver as suas opiniões, a sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, as suas expectativas o seu nível de conhecimentos ou ainda sobre

outro qualquer tópicu que possa ser do interesse do investigador (Bruno Pombal, Cristina Lopes e Natália Barreira, 2008).

Na elaboração deste inquérito, tentei que fosse um questionário curto, com questões simples, com uma linguagem clara e objetiva de modo a que este fosse acessível a todos os alunos, dividindo-o em três categorias, sendo estas: “sobre ti”, “sobre o curso” e “sobre os teus pais”, abrangendo diversos indicadores que as compõem (Figura 1).

Tabela 1- Dimensionamento das categorias de análise

Categorias	Dimensões	Indicadores
Trajeto escolar do aluno	<ul style="list-style-type: none"> • Nº de reprovações antes da entrada do curso • Motivo porque reprovou • Razões da escolha do ensino profissional • Curso que frequenta • Motivo da escolha do curso • Em que ano do curso se encontra • Opções após terminar o curso • Melhor aproveitamento 	<p>3 - Já alguma vez reprovaste?</p> <p>4 - Qual o motivo por que reprovaste?</p> <p>5 - Porquê que escolheste o ensino profissional?</p> <p>7 - Que curso frequentas?</p> <p>10 - Qual o motivo que te levou a escolher este curso?</p> <p>8 - Em que ano estás?</p> <p>6 - Quando terminares o curso, o que pretendes fazer?</p> <p>12 - Consideras que desde que entraste no ensino profissional consegues obter melhor aproveitamento?</p>
Apreciação sobre o curso	<ul style="list-style-type: none"> • Grau de satisfação • Utilidade das disciplinas que compõem o curso • Cursos profissionais como mais valia 	<p>9 - Estás satisfeito com o curso que frequentas?</p> <p>11 - Consideras úteis todas as disciplinas que compõem o teu curso?</p> <p>13 - Achas que os cursos profissionais são uma mais valia? Porquê?</p>
Caracterização Sociodemográfica	<ul style="list-style-type: none"> • Género • Idade • Grau de escolaridade dos pais 	<p>1 - Género</p> <p>2 - Idade</p> <p>14 - Qual o grau de escolaridade da tua mãe?</p>

Trajelórias escolares, aspirações e expectativas de
alunos do ensino profissional

	<ul style="list-style-type: none">• Apoio dos pais na entrada no ensino profissional	16 - Qual o grau de escolaridade do teu pai? 15 - Tiveste o apoio da tua mãe quando decidiste entrar no ensino profissional? 17 - Tiveste o apoio do teu pai quando decidiste entrar no ensino profissional?
--	--	--

O universo desta pesquisa é composto pelos alunos do 1º ao 3º ano de duas escolas profissionais pertencentes ao mesmo grupo, sendo que a primeira escola denomino como “Rosa” e a segunda escola como “Azul”. Apesar de muita insistência e de várias conversas com elementos do corpo docente da escola, nem todos os alunos puderam participar nesta investigação, uma vez que no caso da escola “Azul” a coordenadora pedagógica não teve disponibilidade para poder estar com todas as turmas para que alunos pudessem participar, não achando correto os diretores de turma terem esta “responsabilidade”, por este motivo não foi possível realizar o questionário a todos, sendo entregue apenas a uma turma, à turma do 2º ano do curso Técnico de Vídeo (TVO). No caso da escola “Rosa” apenas duas turmas não entraram nesta pesquisa, sendo estas: o 1º ano do curso Técnico de Auxiliar de Saúde e o 3º ano do Curso Técnico de Psicossocial, uma vez que os alunos já se encontravam em estágio profissional, e devido a estes factos o número total da amostra corresponde a 163 inquiridos dos 700 alunos que era o esperado.

Tabela 2 - Género e idade dos participantes

Idade dos alunos	Género dos alunos		Total
	Masculino	Feminino	
15	0	5	5
16	8	29	37
17	6	47	53
18	4	37	41
19	1	18	19
20	1	5	19
21	0	1	1
22	0	1	1
Total	20	143	163

Através da tabela 2 podemos caracterizar um pouco da população em estudo. Podemos verificar que os alunos que participam nesta investigação têm idades compreendidas entre os 15 e os 22 anos, sendo que a maioria destes alunos apresentam ter 17 e 18 anos e que os participantes são maioritariamente do género feminino (143), uma vez que não foi possível inquirir todos os alunos apenas foi possível recolher estes dados.

4. O ensino profissional na Escola Ribeirinha¹

4.1 Apresentação da escola

A escola Profissional “Ribeirinha” situa-se na área metropolitana de Lisboa e tem dois polos distintos, que denomino como polo “Rosa” e polo “Azul”, começando a exercer a sua atividade em Setembro de 1989. Esta tem como missão: “oferece aos alunos uma formação técnica e humana que contribui para o seu desenvolvimento integral e os habilita a servir a sociedade de forma útil e digna. Proporcionamos um ambiente acolhedor, estimulamos a excelência académica e sublinhamos a integridade moral, desafiando os alunos a desenvolver da melhor maneira todo o seu potencial profissional e pessoal. A nossa comunidade escolar está incumbida de ajudar os nossos alunos a aplicar no seu quotidiano os conhecimentos que diariamente adquirem. Acompanhamos cada aluno de acordo com um regime de tutoria que inclui um plano individual que o ajuda a avançar tanto na aprendizagem como na sua responsabilidade pessoal e com os outros. Na medida em que reconhecemos que a autoridade educacional repousa em primeiro lugar na família, encorajamos vivamente todos os encarregados de educação a serem partes efectivas da comunidade escolar. Sustentamos a nossa oferta educacional em princípios cristãos, aceitando no seu seio alunos de todos os credos ou sem credo algum.”²

De acordo com as informações dadas por uma das coordenadoras da escola, esta atualmente tem capacidade para receber 700 alunos, sendo 500 no polo “Azul” e 200 no polo “Rosa”. No entanto, verifica-se que nem todos os alunos chegam a completar os três anos de cursos, sendo o 2º ano em que se verifica mais desistências, independentemente do curso. Desistem nesta fase uma cerca de 1 a 2 alunos em cada turma, sendo que algumas das razões que apresentam aos professores são: “Não gosto do curso”, “Não sabia que o grau de exigência era tão grande” ou então porque simplesmente têm falta de interesse e acabam por desistir.

É bastante vasto o monopólio de formações educativas que este estabelecimento de ensino oferece, sendo 9 no número total de cursos profissionais lecionados.

¹ Nome Fictício

² Disponível no site da escola

Tabela 3- Monopólio de cursos que compõem a escola

Cursos	Polo onde é lecionado o curso
Técnico de Multimédia (TMO)	Azul
Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos (TGEIO)	Azul
Técnico de Desenho Digital 3D (TDO)	Azul
Técnico de Design Gráfico (TDGO)	Azul
Técnico de Vídeo (TVO)	Azul
Técnico de Eletrónica e Telecomunicações (TETO)	Azul
Técnico de Apoio à Infância (TAIE)	Rosa
Técnico de Auxiliar de Saúde (TASE)	Rosa
Técnico de Apoio Psicossocial (TAPSE)	Rosa

No que diz respeito ao programa/estrutura dos cursos, estes estão divididos em três componente distintas, sendo que estas são:

- A componente Sociocultural que corresponde às disciplinas de Línguas, Área de Integração, Educação Física, Ética e Tecnologias de Informação e Comunicação;

-A componente Científica que diz respeito às disciplinas de Matemática, Física, História, Psicologia, Sociologia, Biologia e Físico Química

-A componente Técnica que integra todos os módulos técnicos específicos de cada curso.

A escola tem sido cada vez mais procurada por parte dos alunos, as inscrições chegam a ser quase o dobro da capacidade da escola, pois é um modelo de ensino que os alunos estão a descobrir e devido à sua vasta opção de cursos, os alunos têm procurado bastante esta escola.

A seleção dos alunos é feita através de testes psicotécnicos. Após avaliarem o resultado dos testes, a escola dá prioridade aos alunos que obtiveram melhores resultados e são esses alunos que entram na escola. No entanto após saírem os resultados dos testes os alunos são submetidos a uma entrevista com um dos diretores da escola onde o papel do professor é conhecer um pouco os interesses dos alunos e dar a conhecer um pouco da instituição, também para garantir que o aluno esteja a par do que vai encontrar quando ingressar no curso e o que pode esperar da escola. Quando os cursos que os alunos escolhem não estão disponíveis ou já

estão com lotação esgotada, estes alunos são encaminhados para outros cursos do seu interesse, o que leva a que as turmas tenham praticamente o mesmo número de alunos, sendo que no polo “Rosa” o curso mais procurado é o de Técnico de Apoio à Infância e no polo “Azul” o curso mais procurado é o curso Técnico de Multimédia.

Outro ponto essencial desta pesquisa prende-se com o género dos alunos que frequentam esta escola, por este motivo perguntei aos diferentes polos que compõem esta escola qual a percentagem de alunos do sexo masculino e do sexo feminino que frequentam este estabelecimento de ensino, como já pudemos perceber esta escola tem os cursos divididos sendo que os cursos de área social encontram-se no polo “Rosa” e os cursos de áreas técnicas encontram-se no polo “Azul”, por este motivo e devido as áreas sociais serem maioritariamente do interesse das raparigas o polo “Rosa” não tem nenhum rapaz como aluno, ou seja 100% dos seus alunos são raparigas, ao contrário do polo “Azul”, que devido às áreas técnicas serem maioritariamente do interesse dos rapazes, a escola afirma que mais ou menos 80% dos alunos são rapazes e apenas 20% são raparigas. Nem todos os alunos puderam participar nesta pesquisa, para que esta se tornasse um pouco mais completa. No entanto pudemos contar com 163 questionários. No polo “Azul”, temos apenas uma turma como amostra desta pesquisa, sendo a turma de Técnico de Vídeo do 2º ano. Pelo contrário, no polo “Rosa” quase todas as turmas participaram no estudo, com a exceção das turmas: Técnico de Psicossocial 3º ano e da turma de Técnico de Auxiliar de Saúde do 1º ano.

4.2 Os dados do questionário

4.2.1 Perfil dos alunos repetentes

Um dos principais pontos em que assenta esta pesquisa, é precisamente no aproveitamento escolar dos jovens que ingressam no ensino profissional. Na minha perspetiva é fundamental perceber a quantidade de retenções dos alunos que frequentam este tipo de ensino, tendo em conta a amostra da pesquisa, pois essa é uma das questões mais faladas quando abordamos este tema, sendo por isso importante perceber se são apenas os jovens com elevado número de retenções que procuram esta opção de ensino.

Tabela 4 - Perfil dos alunos repetentes

Idade dos alunos	Género dos alunos		Total
	Masculino	Feminino	
16	0	7	7
17	1	27	28
18	2	29	31
19	1	15	16
20	1	5	6
21	0	1	1
Total	5	84	89

Analisando a tabela 4 podemos concluir que existem 89 alunos que apresentam retenções, sendo que estes têm idades compreendidas entre os 16 e os 21 anos. Podemos verificar também que destes 89 alunos apenas 5 são rapazes e 84 são raparigas, sendo que a idade com maior taxa de retenções são os alunos que têm 18 anos.

4.2.2 O trajeto escolar anterior à experiência do curso

Analisando agora o trajeto escolar dos alunos que compõe esta pesquisa, podemos verificar através da tabela 5 que a maioria dos alunos que frequenta a escola “Ribeirinha” já reprovou (54,5%), sendo que cerca de metade destes alunos só ficou retido uma vez. E importa destacar ainda que cerca de 25% dos alunos experienciou a reprovação múltipla (2 ou mais vezes)³.

Tabela 5- Número de reprovações ao longo do trajeto escolar (anterior à entrada do curso)

0		1		2		3		Total	
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
73	46,5	45	28,7	32	20,4	7	4,5	157	100,0

As razões que os alunos evocaram na justificação das suas reprovações foram: i) a dificuldade das matérias (16,5%), ii) a falta de assiduidade dos mesmos (12,2%), iii) a falta de gosto pelos estudos (6,7%) e iv) a falta de gosto pelas disciplinas em estudo (4,3%). Estes dados são reveladores da existência de uma rutura por parte dos alunos com o sistema de ensino.

³ Note-se que 6 alunos não responderam a esta questão

A figura 1 revela ser o início do terceiro ciclo do ensino básico (7º ano) e do ensino secundário (10º ano) os anos em que mais se registam retenções: sendo o número total de reprovações 121 é possível verificar que quase metade (N=53) ocorre nestes anos de escolaridade.

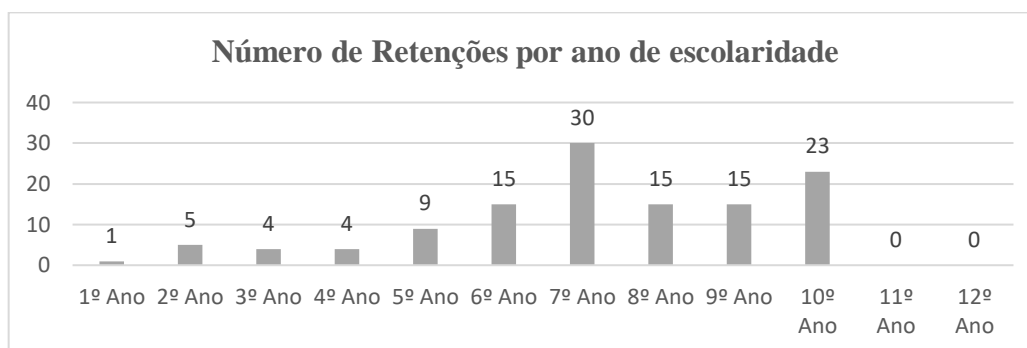


Figura 1- Número de retenções por ano de escolaridade

4.3 A escolha do Ensino Profissional

Tendo em conta o estudo que foi efetuado, são diversos os motivos que levam os alunos a optar pelo ensino profissional, como podemos ver representado no gráfico abaixo os principais motivos são: “Não gosto de estudar, prefiro a prática”, foram 12 os alunos que escolheram esta opção como resposta; 45 alunos responderam “Preferi as ofertas do ensino profissional comparativamente ao ensino regular”; outro dos motivos prende-se com o facto de esta opção de ensino ter sido recomendada por alguém (38 alunos deram esta opção como resposta); “Porque queria aprender uma profissão que gosto e ser certificado na mesma” sendo este o motivo que mais levou os alunos a optarem pelo ensino profissional, uma vez que esta foi a resposta selecionada por 62 alunos.

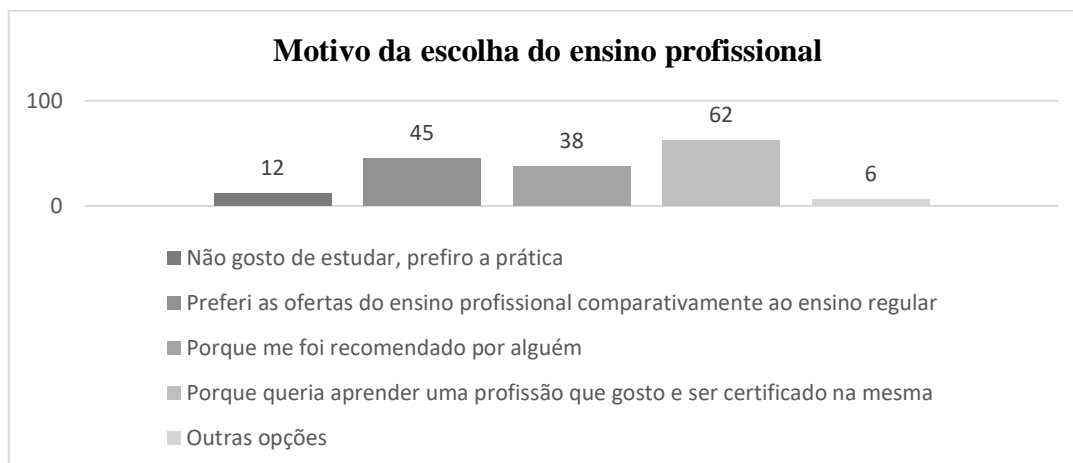


Figura 2- Motivo da escolha do ensino profissional

4.4 O apoio familiar na decisão de frequentar o ensino profissional

O apoio das pessoas que mais nos são queridas é fundamental para que tenhamos sucesso e para que nos sintamos realizados. Nas sociedades contemporâneas a relação entre a escola e família é considerada fundamental para que exista sucesso no aproveitamento dos alunos, no entanto esta relação varia consoante o estatuto social, o grau de instrução, a categoria socioprofissional, o nível económico e a idade das famílias dos jovens (Costa, 2013).

Tabela 6- Apoio da mãe na entrada no ensino profissional

Grau de escolaridade da mãe	Sim		Não	
	N	%	N	%
1º ciclo	9	81,8	2	18,2
2º ciclo	11	91,7	1	8,3
3º ciclo	27	93,1	2	6,9
Secundário	49	98,0	1	2,0
Licenciatura	21	100	0	0,0
Mestrado e Pós-Graduação	4	80,0	1	20,0

Na tabela acima podemos ver representada a relação entre o grau de escolaridade da Mãe e o apoio da mesma na entrada dos seus filhos para o ensino profissional. Podemos verificar que a

maioria das mães dos alunos da escola “Ribeirinha” tem como grau de escolaridade o ensino secundário (39,1%) e também que o único grau de qualificação das mães em que não existem objeções dos seus filhos entrarem no ensino profissional são as que têm a licenciatura como grau de ensino (16,4%). No entanto, embora seja bastante perceptível que a maioria das mães seja a favor da decisão dos seus filhos na entrada para o ensino profissional, também existem mães que não estão a favor desta decisão e nesse campo podemos apreciar que independentemente do grau de qualificação existem mães que não apoiam os seus filhos sendo que: no 1º ciclo 18,2%, no 2º ciclo regista-se 8,3%, no 3º ciclo 6,9%, no secundário 2% e no mestrado/pós-graduação, 20%. Podemos considerar que no geral as Mães destes alunos têm graus de qualificação medianos, ou seja, é no 1º ciclo que se regista a percentagem inferior de qualificações (8,6%) e no 3º ciclo (22,7%), Secundário (39,1%) e no Mestrado/ Pós-Graduação (3,9%) são os graus de qualificação onde existe mais aglomerado.

Tabela 7 - Apoio do pai na entrada no ensino profissional

Grau de escolaridade do pai	Sim		Não	
	N	%	N	%
1º ciclo	11	91,7	1	8,3
2º ciclo	11	100	0	0
3º ciclo	28	84,9	5	15,2
Secundário	36	92,3	3	7,7
Licenciatura	6	100	0	0
Mestrado e Pós-Graduação	2	50,0	2	50,0
Doutoramento	3	100	0	0

No caso dos Pais destes alunos verificamos, através da tabela 7, que são poucos os pais que frequentaram/terminaram a licenciatura (5,6%) e o mestrado/pós-graduação (3,7%), no entanto, comparativamente às Mães, existem Pais que adquiriram o grau de Doutores (2,8%). Podemos comparar também que existem mais Pais do que Mães a discordar com os seus filhos na sua tomada de decisão. Sendo que as qualificações dos Pais em que se regista número de respostas negativas são: 1º ciclo 8,3%, 3º ciclo 15,2%, secundário 7,7% e no mestrado/pós-graduação. Sendo que os Pais que não discordaram da opção dos seus filhos, são os pais cujo as qualificações correspondem ao 2º ciclo, licenciatura e doutoramento.

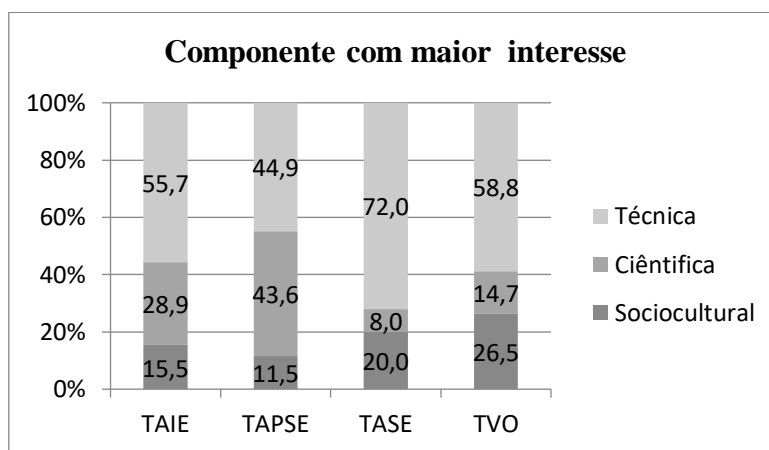
Tabela 8- Proporção de pais que apoiaram a vinda para o curso profissional segundo a escolaridade dos mesmos

	Mãe		Pai	
	N	%	N	%
1º e 2º ciclo ensino básico	20	87,0	22	95,7
3º ciclo ensino básico	27	93,1	28	84,9
Ensino secundário	49	98,0	36	92,3
Ensino superior	25	96,2	11	84,6

Através da tabela 8 podemos concluir que a maioria os alunos da escola “Ribeirinha” tiveram o apoio dos seus pais na sua tomada de decisão e que demonstram o seu envolvimento na vida académica dos seus educandos.

4.5 Os cursos que frequentam: resultados obtidos e apreciação do curso

O gráfico da Figura 3 mostra-nos que os alunos apresentam um maior interesse na componente técnica do curso, sendo o curso TASE o que apresenta uma maior percentagem (72%). Podemos verificar no curso TAIE e TAPSE que a componente mais interessante, após a técnica, corresponde à científica, sendo que no TAIE a percentagem de respostas referentes a esta categoria corresponde a 28,9% e no TAPSE corresponde a 43,6%, sendo por isso a menos apreciada em ambos os cursos a componente sociocultural. No entanto, nos cursos de TASE e TVO a segunda componente mais interessante é a sociocultural sendo que no TASE a percentagem corresponde a 20% e no curso TVO a percentagem corresponde a 26,5%, porém a componente científica é a menos apreciada.



Legenda do quadro:

TAIE (Técnico de Apoio à Infância); TAPSE (Técnico de Apoio Psicossocial); TASE (Técnico de Auxiliar de Saúde); TVO (Técnico de Vídeo)

Figura 3-Componente do curso que os alunos demonstram ter mais interesse

É importante perceber também qual o aproveitamento dos alunos do ensino profissional, isto é, se desde que ingressaram no ensino profissional conseguem obter melhores resultados do que os que tinham anteriormente. Através das respostas dos jovens pudemos concluir que a maioria dos alunos (93%) conseguiu melhorar as suas notas, o que é um resultado bastante satisfatório, os restantes afirmaram não ter conseguido obter melhor aproveitamento.

Na minha perspetiva, é fundamental perceber o que os alunos pensam acerca dos cursos profissionais e quais os motivos que os levam a afirmar que estes são uma mais valia, uma vez que na tabela a baixo podemos verificar que todos os alunos concordam esta afirmação.

São diversos os motivos que estes alunos apresentam, no entanto o que mais se destaca é sem dúvida o facto de estes cursos abrirem mais portas para a entrada no mercado de trabalho, sendo este motivo escolhido por 31,2% dos alunos que responderam a esta questão, o segundo motivo mais defendido pelos alunos (20,8%) prende-se com os estágios profissionais, pois consideram fundamental esta componente prática dos cursos, defendendo que é durante os estágios que percebem se gostam da sua área e que têm contacto com o mercado de trabalho. “Terminar o secundário e receber um certificado de profissão” é outro dos motivos que os alunos consideram importante (17,6%), pois após concluírem o ensino obrigatório ainda recebem um certificado do mesmo a dar-lhes aptidão para o mercado de trabalho na área em que estudaram. O facto de existirem mais aulas práticas (16,0% dos alunos deram esta resposta) também ajuda no processo de aprendizagem daqueles que preferem a prática em vez a teoria e

por este motivo, 12,0% dos alunos afirma que a aprendizagem neste modelo de ensino é mais fácil. E 2,4% dos alunos consideram que é importante adquirir conhecimentos pessoais na área, ou seja, que é fundamental que os alunos conheçam pessoas que estejam ligadas à sua área com o intuito de estes transmitirem os seus conhecimentos e experiências.

Tabela 9- Cursos profissionais como mais valia

Estágios profissionais		Aprendizagem mais fácil		Mais aulas práticas		Adquirir conhecimentos pessoais na área		Entrada mais facilitada no mercado de trabalho		Terminar o secundário e receber um certificado de profissão		Total
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
26	20,8	15	12,0	20	16,0	3	2,4	39	31,2	22	17,6	125

Tabela 10- Grau de satisfação à cerca do curso (% em linha)

Curso que frequenta	1		2		3		4		5		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	100%
Vídeo	0	0	0	0	4	18,2	7	31,8	11	50,0	22
Apoio à Infância	0	0	3	5,0	11	18,3	27	45,0	19	31,7	60
Auxiliar de Saúde	0	0	1	2,6	1	2,6	20	52,6	16	42,1	38
Apoio Psicossocial	2	4,7	3	7,0	5	11,6	21	48,8	12	27,9	43

A escolha do curso do ensino profissional nem sempre é um processo fácil, pois nem todos os alunos são tão decididos à cerca do que mais gostam ou do que gostariam de fazer no futuro, no entanto é um processo fundamental, devido ao facto, dos alunos tomarem por si próprios uma decisão que de certo modo os afetará no futuro.

São diversos os motivos pelos quais os alunos optam por escolher o curso que frequentam, segundo as repostas dadas pelos jovens no questionário, estes motivos prendem-se

essencialmente com: “sempre foi o que quis fazer” (25,8%), “é uma área que gosto” (55,2%) sendo neste motivo onde se registam o maior número de respostas, “não sabia qual escolher e este pareceu-me o mais interessante” (13,5%) e por fim “não tive vaga no curso que queria”.

Outro dos pontos fundamentais nesta pesquisa é perceber qual o grau de satisfação dos alunos perante o curso que frequentam, tendo sido por isso criada uma escala de 1 a 5, sendo que 1 corresponde a “nada satisfeito” e 5 a “muito satisfeito”. Como podemos verificar na tabela da figura 8, a maioria dos alunos está relativamente satisfeito com o curso que frequenta, no entanto no curso de TVO é onde se regista um maior número de alunos totalmente satisfeitos com o seu curso, uma vez que 50% dos alunos responderam na escala, 5, 31,8% deram uma cotação de 4e apenas 18,2% considerou o curso mediano respondendo 3. No curso de TAIE, TASE E TAPSE o valor na escala onde se registam mais repostas é o 4 (TAIE 45%, TASE 52,6% e TAPSE 48,8%), no entanto o curso de TAPSE é onde se verifica uma maior diversidade de respostas, uma vez que é o único curso que regista que existem alunos (4,7%) que não estão nada satisfeitos com a sua escolha. No curso de TAIE podemos concluir que apenas 2 alunos estão pouco satisfeitos com o curso, que 11 alunos estão mais ou menos satisfeitos e que apenas 19 alunos estão muito satisfeitos e no curso de TASE existe uma percentagem mínima de alunos que apreciam pouco ou mais ou menos o seu curso (2,6%) e que 42,1% estão bastante satisfeitos.

4.6 As expectativas quanto ao futuro próximo

O último ponto desta investigação concentra-se nas expectativas futuras dos alunos que frequentam o ensino profissional, este é sem dúvida um ponto fulcral nesta investigação, pois interessa-me ficar a saber o que os alunos pensam fazer após terminarem este capítulo da sua vida académica.

Na figura 4, podemos verificar que são diversas as opções dos alunos desta escola após terminarem o curso: concorrer para o ensino superior (75 alunos), tirar outro curso na mesma área (52 alunos), ingressar no mercado de trabalho (3 alunos), tirar outro curso noutra área (12 alunos); sendo que a opção mais escolhida a entrada no ensino superior, podemos concluir que os cursos profissionais não são apenas uma maneira mais fácil de ingressar no mercado de trabalho, mas sim uma maneira de os alunos de uma forma mais prática e fácil, no sentido em

que à partida estão a fazer aquilo que gostam o que torna a aprendizagem mais fácil, consigam atingir as suas expectativas futuras.

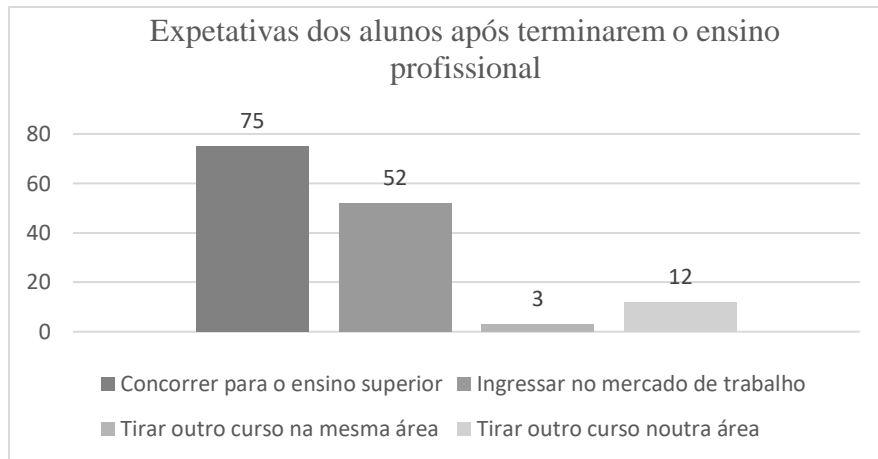


Figura 4- Expetativas dos alunos após terminarem o ensino profissional

Conclusão

Este trabalho foi elaborado com a colaboração de uma escola profissional que denominei como “Ribeirinha”, tendo esta dois polos distintos denominados como “Azul” e “Rosa”. O grande objetivo deste trabalho era conhecer as trajetórias escolares, as aspirações e as expectativas de um grupo de estudantes do ensino profissional.

Concordando com a perspectiva da autora Ana Paula Costa (2013), quando nos diz que a relação entre a escola e família é considerada fundamental para que exista sucesso no aproveitamento escolar dos alunos, neste estudo é possível verificar que isso é realmente importante, sendo que a maioria dos pais concorda com a entrada dos seus filhos neste modelo de ensino, independentemente do seu grau de instrução, sendo que os pais que menos concordam com esta decisão, são os pais com um grau de instrução mais baixo, talvez porque têm uma ideia de que os filhos possam não ter a mesma oportunidade de ascensão social que os outros jovens que frequentam o ensino regular têm.

Apesar da elevada taxa de insucesso escolar deste grupo de alunos, uma vez que a maioria dos alunos inquiridos sofreu pelo menos uma retenção e cerca de 25% sofreu duas ou mais, sendo o início no segundo ciclo (7º ano) e o início do secundário (10º ano) onde se verifica uma taxa mais elevada, é possível verificar que com a entrada no ensino profissional estes alunos conseguem obter melhores resultados uma vez que, 93% deste grupo de alunos afirma ter aumentado as suas notas, devido ao facto de a maioria destes jovens estar a gostar do curso que escolheu frequentar e como se diz, quando gostamos do que fazemos obtemos sempre melhores resultados.

Outra das conclusões interessantes que pude verificar, prende-se com a desigualdade de géneros na escolha das profissões, que segundo os dados obtidos através do estudo efetuado são as raparigas que continuam a optar pelas áreas sociais e os rapazes pelas áreas técnicas, uma vez que no polo “Rosa” os alunos são apenas do sexo feminino enquanto que no polo “Azul”, embora existam raparigas a frequentar a escola, na grande maioria são rapazes que optam por este tipo de cursos. Sendo que esta parte do estudo vai ao encontro do que Sandra Mateus (2012) nos explica: existem dois fatores que influenciam a escolha dos alunos, sendo estes os recursos familiares e a origem social e devido a estes fatores os rapazes escolherem a sua profissão de forma estratégica, enquanto que as raparigas se interessam mais por obter melhores resultados escolares e com o espaço onde estão inseridas.

Por último, outra das principais conclusões que se pode retirar desta pesquisa é que os alunos que frequentam este modelo de ensino, atingem outras aspirações futuras comparando com alguns anos atrás, ou seja, segundo Paula Mendes (2009) em tempos quem frequentava o ensino profissional eram maioritariamente os alunos que pertenciam a classes sociais mais desfavorecidas, sendo que atualmente qualquer jovem tem este modelo de ensino como opção. No entanto, enquanto anteriormente os jovens que frequentavam o ensino profissional apenas iam diretamente para o mercado de trabalho, este estudo veio comprovar que, embora exista uma taxa elevada de alunos ainda mantêm essa vontade (52%), a grande maioria espera concorrer para o ensino superior (75%).

Como futuras pesquisas para poder completar este trabalho, gostaria de conseguir perceber qual a perspetiva dos professores acerca dos dois modelos de ensino (ensino profissional e ensino regular), poder comparar qual dos géneros consegue obter melhores resultados quer seja a nível académico quer na entrada no mercado de trabalho e ainda perceber qual a profissão dos pais dos alunos que ingressam neste modelo de ensino e qual o meio social onde estão envolvidos.

Bibliografia

- Alves, Nuno de Almeida, Frederico Cantante, Inês Baptista e Renato Miguel do Carmo (2011), *Jovens em Transições Precárias – Trabalho Quotidiano e Futuro*, Lisboa, Mundos Sociais.
- Augusto, Fernando (2012), “Motivações, trajetórias e avaliação de cursos profissionais de nível IV” in Teresa Seabra e Pedro Abrantes (org.), *Incursões na sociedade educativa*, Lisboa, Editora Mundos Sociais
- Costa, Ana Paula (2013), “Relação famílias-escola. Ações e representações” in Teresa Seabra e Pedro Abrantes (org.), *Incursões na sociedade educativa*, Lisboa, Editora Mundos Sociais
- Costa, António Firmino (2012), *Desigualdades Sociais Contemporâneas*, Lisboa, Mundos Sociais
- Guerreiro, Maria das Dores e Pedro Abrantes (2004), *Transições Insertas: Os Jovens perante o trabalho e a família*, Lisboa, DGEEP, pp. 39-44, 55-72, 117-134.
- Madeira, Maria Helena (2006), Ensino profissional de jovens – um percurso escolar diferente para a (re) construção de projetos de vida. *Revista Lusófona de Educação*, pp. 121-141.
- Mateus, Sandra Cristina (2013), *Futuros convergentes? Processos, dinâmicas e perfis de construção das orientações escolares e profissionais de jovens descendentes de imigrantes em Portugal*, Tese de Doutoramento, Lisboa, Escola de Sociologia e Políticas Públicas, ISCTE.
- Marques, Marta Rita Rocha (2017), *Perceções e expectativas dos alunos do ensino secundário sobre os cursos profissionais e os cursos científico-humanísticos*, Lisboa, Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Mendes, Paula Maria Santos (2009), *Estudantes do ensino secundário profissional: origem social, escolhas escolares e expectativas*, Dissertação de Mestrado em Educação e Sociedade, Lisboa, Departamento de Sociologia, ISCTE.
- Meirinhos, Manuel e António Osório (2010), O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *Revista de Educação* Vol.2 pp.49-65.
- Pombal, Bruno Miguel Oliveira, Cristina Maria e Silva de Sousa Lopes e Natália dos Anjos Veloso Barreira (2008), *A importância da recolha de dados na avaliação de serviços*

de documentação e informação: a aplicabilidade do SharePoint nos SDI da FEUP,
Porto, Universidade do porto, Faculdade de Engenharia

Seabra, Teresa, Sandra Mateus, Elisabete Rodrigues e Magda Nico (2011), *Trajetos e projetos de jovens descendentes de imigrantes à saída da escolaridade Básica*, ACM.

Vieira, Maria Ilídia & Azevedo, Joaquim (2008), Factores que promovem o sucesso educativo nas escolas profissionais. *Revista portuguesa de investigação educacional*, pp.51-69.

Website da Escola, disponível em: <https://www.valdorio.net/val-do-rio/quem-somos>, consultado em 13 de Julho de 2020.

Anexo A – Inquérito por questionário

Trajétórias escolares, aspirações e expectativas futuras dos alunos no ensino profissional

Sobre ti:

1. Género: Feminino Masculino

2. Idade: _____

3. Já alguma vez reprovaste?

Sim. Quantas vezes? _____

Em que ano(s)? _____

Não.

4. Qual o motivo porque reprovaste?

As matérias eram complicadas

Faltava muito às aulas

Não gostava das disciplinas

Não gostava de estudar

Outro motivo. Qual? _____

5. Porquê que escolheste o ensino profissional?

Não gosto de estudar, prefiro a prática

Preferi as ofertas do ensino profissional comparativamente ao ensino regular

Porque me foi recomendado por alguém

Porque queria aprender uma profissão que gosto e ser certificado(a) na mesma

Outras opções: _____

6. Quando terminares o curso, o que pretendes fazer?

Concorrer para o ensino superior

Ingressar no mercado de trabalho

Tirar outro curso na mesma área

Tirar outro curso noutra área

Outras opções: _____

Ainda não sei

Sobre o curso:

7. Que curso frequentas?

Técnico de Multimédia

Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos

Técnico de Desenho Digital 3D

Técnico de Design Gráfico

Técnico de Vídeo

Técnico de Eletrónica e Telecomunicações

Técnico de Apoio à Infância

Técnico de Auxiliar de Saúde

Técnico de Apoio Psicossocial

8. Em que ano estás? 1º 2º 3º

9. Estás satisfeito (a) com o curso que frequentas? (na escala abaixo apresentada, identifica o teu grau de satisfação, sendo que o 1 corresponde a “nada satisfeito” e o 5 corresponde a “muito satisfeito”)

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

10. Qual o motivo que te levou a escolher este curso?

Sempre foi o que quis fazer

É uma área que gosto

Não sabia qual escolher e este pareceu-me o mais interessante

Não tive vaga no curso que queria

Outras opções: _____

11. Consideras úteis todas as disciplinas que compõem o teu curso?

Sim Não

Quais são as mais interessantes?

Quais são as menos interessantes?

12. Consideras que desde que entraste no ensino profissional consegues obter melhor aproveitamento?

Sim

Não

13. Achas que os cursos profissionais são uma mais valia? Porquê?

Sim Não

Sobre os teus pais:

14. Qual o grau de escolaridade da tua mãe?

1º ciclo

Mestrado/ Pós-Graduação

2º ciclo

Doutoramento

3º ciclo

Não sei

Secundário

Não Respondo

Licenciatura

15. Tiveste o apoio da tua mãe quando decidiste entrar no ensino profissional?

Sim

Não respondo

Não

Trajétórias escolares, aspirações e expectativas
de alunos do ensino profissional

16. Qual o grau de escolaridade do teu pai?

1º ciclo

Mestrado/ Pós-Graduação

2º ciclo

Doutoramento

3º ciclo

Não sei

Secundário

Não Respondo

Licenciatura

17. Tiveste o apoio do teu pai quando decidiste entrar no ensino profissional?

Sim

Não respondo

Não

Obrigada pela tua colaboração!